

O centenário da morte de Liszt, o sedutor

Há cem anos morria na Alemanha um dos maiores compositores do século 19

WILSON COUTINHO
Da Reportagem Local

Se o compositor e pianista Franz Liszt tocasse hoje no grupo de rock Tókyo duas coisas inevitáveis aconteceriam: a música seria melhor e o líder da banda, Supla, não escutaria em qualquer diapasão os gritos sonoros de suas fãs. Liszt, que nasceu em 22 de outubro de 1811 em Raiding, na Hungria, e morreu em Bayreuth, Alemanha, de pneumonia, em 31 de julho de 1886, foi um superstar do piano no século passado. E mais: cultuava a sua beleza, admirava o seu perfil e não se descuidava de suas melenas que quase desciam sobre os ombros. Liszt posava com elegância romântica para daguerreótipos e o pintor francês Eugène Delacroix o fixou jovem com um ar que alucinava as mulheres.

E alucinava. Quando tocava em concertos, as mulheres disputavam os primeiros lugares, entravam em transe histérico, algumas desmaiavam. As mais afoitas agachavam-se para recolher as guimbas de charuto deixadas no chão pelo pianista e compositor. Os críticos compararam o seu sucesso como idêntico ao das estrelas da música pop e, provavelmente, não estão enganados. Logo após um concerto em Lyon, na França, um crítico de um jornal da época registrou assim os rastros do pianista sedutor: "Após seu primeiro concerto, a cidade inteira se levantou. Duzentas mil pessoas escoltaram Liszt até o seu hotel. Eram duzentas mil pessoas gritando: "Viva o rei!"

Liszt foi, como Mozart, um menino prodígio. O pai do futuro compositor, uma espécie de capaz dos latifúndios do príncipe húngaro Esztherhazy, adorava música e descobriu logo o talento inato de Liszt. Aos sete anos já dava o seu primeiro concerto público arrebatando a platéia, tanto que um grupo de seis magnatas húngaras arrumou dinheiro para



Liszt aos doze anos de idade, segundo desenho de F. Pascal, datado de 1825

que estudasse com Carl Czerny e Antonio Salieri, o professor de Beethoven e de Mozart, e que se tornou popular depois da peça de Peter Shaffer, "Amadeus", que sugeria que ele assassinara Mozart.

Sucesso e mulheres

A influência marcante de Liszt foi quando, em 1831, conheceu Paganini e, no ano seguinte, Chopin. Paganini criara no violino um estilo de técnica arrebatadora e Chopin o tom poético. Liszt passou, com seu piano, a usar os dois modelos, tornando-se um sedutor dos palcos. Para muitos críticos da época, isso desvalorizava as composições de Liszt, que fazia tudo para agradar a sua platéia. "Sou apenas um humilde servidor do público", dizia quando interrogado

por que tocava sempre as mesmas músicas.

Ao mesmo tempo acumulava sucesso e mulheres. Pelo leito do compositor passou a exuberante bailarina espanhola Lola Montés, além de Marie Duplessis, a "Dama das Camélias", famosa pelo vale de lágrimas escrito por Alexandre Dumas, filho. A condessa de Agoult, por exemplo, abandonou o marido e foi viver com Liszt. Com ele teve três filhos, um dos quais, Cosima, que viria a ser a última mulher do compositor Richard Wagner. Outra, Carolyne de Sayn-Wittgenstein, era uma princesa ucraniana que escreveu 22 obras sobre os problemas da Igreja e acabou, sem desejar, levando Liszt para a batina. Em 1860, o compositor estava em Roma, espe-

rançoso de que ela conseguisse o divórcio para poderem se casar. A família dela boicotou o divórcio. Liszt, que entrou numa crise de depressão e desejou envergar uma sotaina quando seu pai morreu, em 1827, dessa vez não mudou de idéia.

Em abril de 1865, o compositor era visto com a sotaina negra dos abades lazaristas, o que não impediu que misturasse nas suas composições religiosas o colorido contraponto de novos amores. Uma jovem cossaca, Olga Yanina, quarenta anos mais nova do que ele, quase comete uma tragédia. Quis matá-lo e depois matar-se. O sedutor ainda teve outro caso com a princesa Meyendorff. Depois, esgotou o vasto repertório de seus amores para dedicar-se somente à música.

Os críticos, que o consideraram, por algum tempo, apenas um cabotino, preocupado apenas com o seu sucesso, foram varridos da história. Afinal, Liszt não foi só um galã do romantismo do século 19. Foi um dos maiores compositores do seu tempo, deixando influências em Wagner, Debussy e Grieg costumavam visitá-lo e aprenderam com o seu método. Para os críticos contemporâneos, as últimas obras de Liszt anteciparam os trabalhos de Debussy e de Bartók.

E no Brasil há lisztianos como o pianista e compositor paulista Amaral Vieira que, aproveitando as comemorações dos cem anos de morte de Liszt, tem o projeto ambicioso de gravar mais de mil composições suas, formando uma discoteca de setenta volumes que só estará pronta daqui a vinte anos. Os dois primeiros volumes já foram gravados nos estúdios da RCA. Outro lisztiano ardoroso é o pianista Arthur Moreira Lima, que tem outro plano sofisticado: o de agrupar composições de Liszt em discos laser. Liszt, mesmo na era eletrônica e sem mais a presença do seu estilo pessoal que arrebatava as fãs, continua sendo um grande sedutor.



Franz Liszt posava com elegância romântica e um ar que alucinava as mulheres